

ISOLAMENTO SOCIAL E OCUPAÇÕES

Social isolation and occupations

Aislamiento social y ocupaciones

Resumo

O Isolamento social tem sido uma das principais e mais importantes estratégias no combate ao avanço da disseminação da COVID-19. O Isolamento social tem levado milhões de pessoas no mundo a novas formas de se engajar nas ocupações do dia-a-dia como o trabalho, as atividades de lazer e as atividades da vida diária. Os modos de se ocupar do que gostamos e desejamos estão modificados ou podem não ocorrer da maneira como estávamos acostumados ou da forma como desejamos que elas ocorram. Uma reflexão necessária que se debruça sobre temas relevantes e revela uma dimensão ocupacional a partir das repercussões vividas neste momento.

Palavras-chave: Sars-Cov-2, Coronavírus, COVID-19, Pandemia, Isolamento social, Ocupação.

Abstract

Social isolation has been one of the main and most important strategies in combating the advancement of the spread of COVID-19. Social isolation has taken millions of people around the world to new ways of engaging in day-to-day occupations such as work, leisure activities and activities of daily living. The ways of dealing with what we like and desire are modified or may not occur the way we were used to or the way we want them to occur. A necessary reflection that focuses on relevant themes and reveals an occupational dimension based on the repercussions experienced at this time.

Key words: Sars-Cov-2, Coronavirus, COVID-19, Pandemic, Social isolation, Occupation.

Resumen

El aislamiento social ha sido una de las principales y más importantes estrategias para combatir el avance de la propagación de COVID-19. El aislamiento social ha llevado a millones de personas en todo el mundo a nuevas formas de participar en las ocupaciones cotidianas, como el trabajo, las actividades de ocio y las actividades de la vida diaria. Las formas de lidiar con lo que nos gusta y deseamos se modifican o pueden no ocurrir de la manera en que estábamos acostumbrados o de la forma en que queremos que ocurran. Una reflexión necesaria que se centra en temas relevantes y revela una dimensión ocupacional basada en las repercusiones experimentadas en este momento.

Palabras clave: Sars-Cov-2, Coronavirus, COVID-19, Pandemia, Aislamiento social, Ocupación.

Victor Augusto Cavaleiro Corrêa
Docente da Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém, Pará, Brasil.

victorcavaleiro@gmail.com

Carla Adriana Vieira do Nascimento

Terapeuta Ocupacional, Mestranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém, Pará, Brasil.

drikavieir@gmail.com

Kátia Maki Omura

Docente da Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém, Pará, Brasil.

katiamak@hotmail.com

Diante da pandemia de COVID-19 (do inglês *Coronavirus Disease 2019*), causada pelo Novo Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-COV -2 do inglês *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*), estamos vivendo a necessidade urgente e de enorme importância do isolamento social para conter o avanço da doença e salvar vidas.

Esta situação também tem provocado inúmeras mudanças nas vidas das pessoas em todo o mundo, entre elas, as ocupações do dia-a-dia, em que pessoas passam muito mais tempo em suas casas¹. A expressão "Fica em casa", do ponto de vista ocupacional, conduz as pessoas ao lugar onde estão ocorrendo a maioria de nossas ocupações. Gonçalves *et al*² destaca que para aquelas pessoas com COVID-19 isoladas em casa, a insegurança e o medo podem se instalar e que aspectos emocionais podem ser geradores de sofrimento. A partir destas considerações, verifica-se que com a chegada da Pandemia, a maneira como estávamos acostumados a nos ocupar, está mudada.

Entre as definições sobre ocupação, alguns autores definem que, para o ser humano, se ocupar é uma necessidade fundamental em que emprega tempo e energia³, caracteriza-se como o fazer diário auto iniciado, auto organizado, com propósito direcionado e contextualizado em um ambiente específico durante um período de tempo⁴.

As ocupações compreendem uma variedade de atividades intencionais que as pessoas precisam, querem ou se esperam que estas façam ao longo da vida^{5,6,7}. É resultado da interação entre atividade, pessoa e ambiente e possuem uma forma, um propósito e um significado, frutos de uma experiência singular no contexto em que se ocupam^{3,8,9}.

A forma ocupacional corresponde aos aspectos diretamente observados da ocupação, ao qual descreve o gerenciamento e o modo de fazer de determinada ação^{10,11}. O propósito ocupacional refere-se ao(s) motivo(s), ao(s) objetivo(s) e à(s) finalidade(s) que cada pessoa se envolve em uma determinada ocupação^{5,8,10}. O significado diz respeito ao quanto as ocupações são significativas e importantes para quem as realiza. Compreende uma experiência subjetiva referente aos aspectos simbólicos interpretados no contexto de vida das pessoas, que impulsionam a certos estilos de ocupações e não a outros e é singular e único^{8,10,12}.

Em tempos de isolamento social necessário, as ocupações do dia-a-dia podem apresentar formas, propósitos e significados diferentes do habitual. Cada fazer possível neste momento tem conduzido a experiências particulares. Estamos vivendo um distanciamento temporário das ocupações que necessitamos, gostamos e/ou escolhemos fazer diariamente, condição esta que pode nos levar a necessidade de pensar e avaliar como se apresentam nossas ocupações e como tem se revelado essa necessidade de se engajar nelas neste momento?

Silva¹³ destaca que o momento pede que pensemos sobre quem pode ajudar e como vamos ocupar o tempo de forma significativa que estimulem saúde, bem estar e quali-

dade de vida. O autor refere ainda que o tempo parece desocupado e que as ocupações do dia-a-dia dos diferentes modos de vida e de convivência como ir a padaria, ao supermercado, trabalhar, reunir com os amigos, transitar pelas ruas, entre outras, parece perigoso. E alerta que as pessoas podem necessitar de orientações de como melhor se ocupar na família e no contexto social.

A Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais (WFOT)¹⁴ reconhece as mudanças que a pandemia causada pelo COVID-19 tem causado nas ocupações das pessoas, e destaca a importância do terapeuta ocupacional utilizar de medidas de controle de infecção associadas a de se manter a saúde mental e ocupacional.

Nesse sentido, terapeutas ocupacionais vão lidar com demandas ocupacionais e podem auxiliar pessoas a avaliar as suas ocupações neste momento de isolamento social. Questões da vida ocupacional que temos aplicado em outros contextos em que também ocorreram modificações nas ocupações podem nos ajudar a pensar a assistência e os cuidados nesta condição atual, como por exemplo: Qual(ais) era(m) sua(s) ocupação(ões) antes do isolamento social? Como se apresenta(m) as ocupações a partir desta necessidade de isolamento social? Ocorreram mudanças? Considerando as ocupações possíveis neste momento, o que a pessoa pensa e sente? Quais os propósitos e os significados ocupacionais? Incluem-se também aí avaliar aquelas que temos a oportunidade de retomar e que outrora podem ter sido “deixadas de lado” por falta de tempo no dia-a-dia.

Ao se refletir a prática profissional, os terapeutas ocupacionais lidam constantemente com as rupturas ocupacionais sofridas pelos clientes/usuários dos seus serviços, como pessoas que sofreram um acidente vascular encefálico e ficaram dependentes na realização das suas atividades de vida diária, ou aos indivíduos em sofrimento psíquico que se beneficiam no engajamento de ocupações que para eles são significativas a ponto de trazer uma rotina estruturada e o alívio do estresse. Portanto, o terapeuta ocupacional lida constantemente com estas rupturas que a pandemia tem trazido para muitas pessoas¹⁵.

No isolamento social, do ponto de vista ocupacional, temos observado que podem ocorrer mudança(s) e adaptação(ões) na maneira como nos engajamos e participamos das ocupações. Em alguns casos, podem ocorrer a perda da possibilidade de se ocupar. Em outros casos, agora, em casa, pode ocorrer a necessidade de engajamento em ocupações que vinham recebendo menos tempo e investimento pessoal, bem como, uma possibilidade de avaliar e rever formas, propósitos e significados ocupacionais.

Destaca-se ainda, que a pandemia restringiu a participação nas diversas ocupações, no entanto, as diferenças sociais tornaram ainda mais evidentes o impacto que o contexto social tem sob a participação em tais ocupações.

Silva¹³ ressalta a necessidade de pensar em como ocupar o tempo de forma significativa do isolamento social na produção de saúde, do bem estar e de qualidade de vida

para todos? Destaca aquelas pessoas que vivem em moradias pequenas, com muitas pessoas e em condições precárias de saneamento, moradores de ruas e/ou que não possuem condições para se isolarem ou garantir o isolamento social a todos.

Inúmeras situações em que é possível observar mudanças nas rotinas das pessoas, hábitos e costumes sendo alterados e a própria limitação no acesso a importantes ocupações.

Dessa forma, temos observado que quanto mais privilegiada a camada social, melhor instrumentalizada esta camada populacional se encontra, com trabalhos sendo realizados em casa, aulas ministradas de forma remota, acesso a bens de consumo através de aplicativos de celulares, entre outras comodidades, graças ao acesso à tecnologia, e um contexto social e econômico mais bem estruturados, como acesso a computadores, internet de boa qualidade, um ambiente mais adequado e confortável para a realização de suas ocupações, um contexto ocupacional que proporcione uma estrutura satisfatória (conforto) que tornem ocupações possíveis que, no contexto de isolamento em que vivemos, não é acessível a todas as classes sociais da população brasileira. Não há garantias de condições consideradas básicas ao exercício ocupacional e este, torna-se difícil ou não realizável.

De acordo com Ramugondo¹⁶, tais privilégios são restritos a uma pequena parcela da população detentora de grande parte dos recursos disponíveis no mundo. Segundo o mesmo autor, estas pessoas podem manter tais privilégios, enquanto outras se resignam com o que tem, podendo ocorrer uma exclusão ocupacional.

Angell¹⁷ destaca que, a partir de uma análise que regula as diferenças relacionadas ao gênero, etnia, classe social, deficiência, orientação sexual, idade, entre outros, é possível determinar o que se pode ou não participar em algumas ocupações. Com a restrição na participação das ocupações por conta do isolamento causado pela pandemia, tais diferenças tornaram-se ainda mais evidentes, principalmente, no que diz respeito às classes sociais. Segundo Hocking e Krokcsmark¹⁸, em países com baixa renda, a maior preocupação da população está relacionada com questões de sobrevivência.

Os impactos de tais restrições vão para além da participação social momentânea, gerando impactos a médio e longo prazo, uma vez que as populações mais vulneráveis socialmente tornaram-se limitadas ao acesso a itens básicos para a sua sobrevivência, como o acesso ao trabalho, renda, alimentação que poderão perdurar no pós-isolamento.

Isto nos faz refletir o quanto a condição social pode ser determinante no acesso e na participação de ocupações variadas e que muitas vezes, pela condição social, existe uma categorização da exclusão, a partir da participação de certas ocupações¹⁷. No atual contexto, tal exclusão ficou evidente ao se mostrar a dificuldade das instituições de ensino públicas brasileiras continuarem as suas atividades na modalidade à distância, uma vez que muitos estudantes, não possuem acesso a internet ou a computadores que permitam assistir as aulas remotamente.

Outra situação que ilustra a atual conjuntura de pandemia, diz respeito aos traba-

lhadores informais que não possuem a opção de trabalhar nas suas casas, sendo afetados na queda das suas rendas, tornando-os ainda mais vulneráveis à situação. Já os trabalhadores formais correm o risco de perderem os seus empregos com a crise econômica instalada diante da pandemia, com o fechamento de diversos estabelecimentos com o intuito de conter a crescente contaminação viral.

A cada dia tem se tornado evidente a necessidade de se refletir sobre o nosso papel quanto profissional dentro do sistema em que trabalhamos, seja ele na saúde, na assistência social, na educação ou em qualquer outro contexto para conseguirmos ter clareza de que modo o contexto de trabalho em que estamos inseridos, pode limitar a participação nas ocupações de nossos clientes/usuários¹⁹.

Bailliard *et al*¹⁹ destaca que o terapeuta ocupacional tem trabalhado fortemente dentro da dimensão micro, mas analisa a importância de se expandir a prática para as dimensões meso e macro, que correspondem às dimensões que vão além do contexto individualizado que temos atuado, trazendo a necessidade de se trabalhar com diferentes atores e disciplinas para a possibilidade de se fazer justiça ocupacional.

Dentro da dimensão macro, Malfitano *et al*²⁰ traz à tona a questão da importância dos terapeutas ocupacionais de tomarem para si o papel de advogar pela população que eles atendem e que comumente encontra-se em situação de vulnerabilidade, tendo um papel fundamental em advogar por mudanças nas condições sociais desta população.

Considerando as possíveis mudança(s) e adaptação(ões) gerada(s) neste momento de distanciamento social também pode ser importante avaliar a necessidade de (re) inventar formas, propósitos e significados para nossas ocupações do dia-a-dia. Podemos experienciar perdas ocupacionais, o que Corrêa²¹ descreveu em pesquisa com pessoas que perderam entes queridos, como a perda da capacidade de se engajar naquelas ocupações (com)partilhadas com e/ou para entes queridos, em que padrões habituais de atividade foram rompidos, remetendo-as a uma difícil tarefa de renunciar, excluir e incluir novos papéis²¹, pois, neste caso, vivemos um afastamento das relações sociais e das atividades diárias. O isolamento social tão importante no combate a COVID-19 que estamos experienciando nesta pandemia também revela situações complexas do dia-a-dia ocupacional que precisam ser cuidadas. Silva¹³ destaca a possibilidade da dificuldade da ocupação do tempo no planejamento do o que, do como, do onde e do quando fazer tarefas e atividades diárias, ressaltando a importância social de terapeutas ocupacionais na ajuda às pessoas, organizações e governos no enfrentamento do COVID-19.

A Terapia Ocupacional deve estar na criação de políticas públicas, uma vez que as ocupações exercidas por todos nós sofrem interferências na relação com o contexto. Por exemplo, as restrições necessárias do isolamento para conter a pandemia, nos afetaram do ponto de vista ocupacional. Nesse sentido, recomenda-se ainda estar atento as ocupações do antes, do durante e do depois que tudo isso passar, pois estas podem estar alteradas e desconectadas.

É importante saber: O que tem levado as pessoas a se ocuparem nestes dias? As pessoas estão se ocupando daquilo que querem e desejam e/ou necessitam? Se sim ou se não, como estão reagindo? Alguma ocupação deixou de ser realizada? Alguma ocupação tornou-se habitual ou foi retomada? O que significa? Enfim, terapeutas ocupacionais podem prestar assistência e cuidados à dimensão ocupacional neste momento e depois dele.

A possibilidade de perdas e de descontinuidade quanto a realização de ocupações no pós-isolamento pode levar a violação do direito a uma ocupação e da justiça ocupacional. De acordo com Hocking²², Justiça Ocupacional está relacionado ao acesso as oportunidades de forma justa de modo a ter recursos que permitam ser, fazer, pertencer e se tornar o que as pessoas têm como potencial dentro de uma perspectiva segura e sem prejuízos, tendo como um direito o fato de poder se ocupar, ou seja, ter acesso a ocupação pode ser uma reivindicação a um direito humano.

Neste sentido, os direitos humanos, também devem fazer parte da nossa reflexão enquanto terapeutas ocupacionais, uma vez que quando falamos de justiça ocupacional, estamos falando também de direitos humanos.

Galheigo²³ destaca a importância de se ter dentro dos currículos dos cursos de Terapia Ocupacional, o estudo dos direitos humanos, uma vez que entre a violação de tais direitos encontra-se a não participação social e o não acesso a oportunidades que permitam o engajamento em ocupações que são significativas para o indivíduo ou que permitam a própria sobrevivência.

Segundo Angell¹⁷, a ocupação deve ser vista como uma resistência à ordem social e ao vermos a ocupação como resistência, teremos a possibilidade de empoderar os nossos clientes/usuários. Silva¹³ ressalta que os terapeutas ocupacionais estudam e aplicam conhecimentos para ajudar pessoas a ocuparem o tempo no contexto.

Assim, como terapeutas ocupacionais, devemos estar atentos ao poder das relações ocupacionais em direcionar o formato do nosso cotidiano, a partir da discriminação, da estigmatização, da aprovação ou não de certos comportamentos sociais que podem controlar indivíduos ou grupos no que diz respeito ao que se pode ou não fazer a partir do reconhecimento do lugar em que se faz parte ou do sentimento de pertencimento²⁴. Além disso, o engajamento nas ocupações pode melhorar as condições de vida de pessoas em situação de vulnerabilidade, onde existe a necessidade de fazê-las sentirem-se empoderadas a encontrar a solução de seus problemas, algo que pode ser realizado a partir do engajamento nas ocupações^{22, 25}.

Enfim, Terapeutas ocupacionais podem ajudar a compreender de que maneira as ocupações se apresentam no isolamento social e tem muito a contribuir no durante e no pós-pandemia.

Portanto, temos em mãos uma ferramenta importante na assistência e no cuidado à população que atendemos, e que podem ajudar no enfrentamento da atual conjuntura,

precisamos destacar o lugar que a participação nas ocupações significativas tem para a adaptação ocupacional em circunstâncias como o isolamento social e na importância de nos engajarmos pela luta dos direitos ao acesso de bens, serviços e das ocupações sem exclusão e sem estigmatização.

Referências

- 1 OTA. Occupational Therapy Australia (2020). Normal life has been disrupted: managing the disruption caused by COVID-19. [acesso em 2020 mai. 1]. Disponível em: <https://otaus.com.au/publicassets/af469002-6f6a-ea11-9404-005056be13b5/OT%20Guide%20COVID-19%20March%202020.pdf>
- 2 Gonçalo T; Nascimento JS; Bombarda TB; Espalenza GB; Rodrigues EAA; Ferreira AP; Santos ZR. Terapia Ocupacional em Cuidados Paliativos na COVID-19. Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP). Comitê de Terapia Ocupacional da Academia Nacional de Cuidados Paliativos. [acesso em 2020 mai. 1]. Disponível em: <https://paliativo.org.br/wp-content/uploads/2020/05/TO-CP-COVID19.pdf>
- 3 Lillo SG. La ocupación y su significado como factor influyente de la identidad personal. Revista Chilena de Terapia Ocupacional. Santiago. 2003; (3): 1-6.
- 4 Yerxa E. Occupational Science: a renaissance of service to humankind through knowledge. Occupational Therapy International. 2000; 7(2): 87-98.
- 5 Wilcock A. Occupational science: bridging occupation and health. Canadian Journal of Occupational Therapy. Canadian. 2005; 72(1): 5-12 [acesso em 2020 dez. 29]. Disponível em: <https://link-gale.ez3.periodicos.capes.gov.br/apps/doc/A200730828/AONE?u=capes&sid=AONE&xid=c9e400b3>.
- 6 Carin-levy G; Derek J. Psychosocial aspects of scuba diving for people with physical disabilities: an occupational science perspective. Canadian Journal of Occupational Therapy. Canadian. 2007; 74(1): 6-14.
- 7 Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais (WFOT). Definition of Occupational Therapy. 2012. [Acesso em: 2020 abr. 21] Disponível em: <https://www.wfot.org/about/about-occupational-therapy>
- 8 Carrasco J; Olivares D. Haciendo camino al andar: construcción y comprensión de la ocupación para la investigación y práctica de la terapia ocupacional. Revista Chilena de Terapia Ocupacional. 2008; S. I.(8): 5-16.
- 9 Dickie V. O que é ocupação? In: Crepeau E; Cohn E; Schell B. Willard & Spackman: Terapia Ocupacional. 11ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2011. p. 15-21.

- 10 Larson E; Wood W; Clark, F. Ciencia ocupacional: Desarrollo de la ciencia y la práctica de la ocupación a través de una disciplina académica. In: Crepeau E. Terapia Ocupacional. 10ª ed. Buenos Aires: Médica Panamericana; 2008. p.15-26.
- 11 Hocking C; Valerie C. Occupational science: adding value to occupational therapy. New Zealand Journal of Occupational Therapy. New Zealand. 2011; 58(1): 1- 29.
- 12 Ayuso D. El sentido de la ocupación. Revista de Terapia Ocupacional Gallega TOG (A Coruña). 2010; 7(supl 6): 59-77.
- 13 Silva DB. Terapeutas ocupacionais no enfrentamento do COVID-19; 2020. [acesso em 2020 mar. 22]. Disponível em https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=3039105219433337&id=100000016654933
- 14 Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais. Posicionamento público – Resposta da Terapia Ocupacional à pandemia de COVID-19. 2020. [acesso em 2020 abr. 17]. Disponível em <https://www.wfot.org/about/public-statement-occupational-therapy-response-to-the-covid-19-pandemic>
- 15 Hammell KW. Engagement in living during the COVID-19 pandemic and ensuing occupational disruption. OT Now. Ottawa. 2020.
- 16 Ramugondo E. Occupational Consciousness. J Occup Sci. Adelaide. 2015; 22 (4): 488-501.
- 17 Angell AM. Occupation-centered analysis of social difference: Contributions to a socially responsive Occupational Science. J Occup Sci. Adelaide. 2012; 21 (2): 104-116.
- 18 Hocking C; Krokcsmark U. Sustainable occupational responses to climate change through lifestyle choices. Scand Occup Ther. Oslo. 2013; 20: 111-117.
- 19 Bailliard AL; Dallman AR; Carroll A; Lee BD; Szendrey S. Doing Occupational Justice: A central dimension of everyday Occupational Therapy practice. Can J Occup Ther. Ottawa. 2020; 87 (2): 144-152.
- 20 Malfitano APS; Souza RGM; Townsend EA; Lopes RE. Do occupational justice concepts inform occupational therapists` practice? A scoping review. Can J Occup Ther. Ottawa. 2019; 86 (4): 299-312.
- 21 Corrêa VAC. Luto: Intervenção em Terapia Ocupacional. 1ª ed. Belém: Amazônia Editora; 2010.
- 22 Hocking C. Occupational justice as social justice: The moral claim for inclusion. J Occup Sci. Adelaide. 2017; 24 (1): 29-42.
- 23 Galheigo S. What needs to be done? Occupational Therapy responsibilities and challenges regarding human rights. Aust Occup Ther J. Melbourne. 2011; 58 (2): 60-66.
- 24 Kantartzis S; Molineux M. Collective occupation in public spaces and the construction of the social fabric. Can J Occup Ther. Ottawa. 2017; 84(3): 168-177.

25 Sofo F; Wicks A. An Occupational Perspective of poverty and poverty reduction. J Occup Sci. Adelaide. 2017; 24 (2): 244-249.